

RETRATO EM PRETO E BRANCO: LEITURA DO IMAGINÁRIO A PARTIR DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS EDUCANDOS DA EJA

CAMARGO¹, Edson Carpes – UNIJUÍ

FONSECA², Jorge Alberto Lago – UNIJUÍ

Eixo: Educação de Jovens e Adultos / n. 06

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Através da sua ação o homem busca transformar a realidade para satisfazer suas necessidades. Nessa transformação, estão implicadas a realidade econômica, social, cultural e política, espaços onde os sujeitos se constituem enquanto seres capazes de conhecer e se relacionarem inter-subjetivamente.

O homem, para as ciências humanas [...] é esse ser vivo que, do interno da vida à qual pertence inteiramente, e pela qual é atravessado em todo o seu ser, constitui representações graças às quais ele vive, e a partir das quais detém esta estranha capacidade de poder se representar justamente a vida (FOUCAULT, 2002, p. 369).

A partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira 9394/96, a EJA (Educação de Jovens e Adultos) é assinalada como uma modalidade de ensino, oportunizando o acesso de todos à escola evitando o que Foucault (2006) coloca como um outro princípio de exclusão: a separação. A garantia à educação de jovens e adultos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos (BRASIL, 1996) possibilita que em um mesmo ambiente educacional estejam presentes jovens e adultos com diferentes experiências, identidades e perspectivas de vida amenizando as desigualdades e possibilitando ao indivíduo um crescimento social e humano por meio da reflexão e da historicização do seu mundo.

O ponto de partida para este estudo foi a condição de que os educandos da Educação de Jovens e Adultos, em especial os que freqüentam as totalidades referentes à alfabetização, buscam na escrita a possibilidade de serem reconhecidos enquanto sujeitos sociais. Com isso, cria-se um sentimento de pertencimento que aflora com a aquisição do código escrito onde passam a ser os protagonistas das relações que

¹ Licenciado em Pedagogia, aluno do Programa de Pós-graduação em Educação.

² Licenciado em Letras, aluno do Programa de Pós-graduação em Educação.

constituem os espaços sociais.

Dessa forma, a cultura, a sociedade e a pessoa de cada um são constitutivas desse microuniverso, a que pertencem como elementos nele situados, ao mesmo tempo que nele atuam como fontes, como iniciadoras, e se realizam na práxis do entendimento de uma comunidade lingüística. [...] Estabelece-se, assim, uma estreita vinculação entre a aprendizagem individual e a aprendizagem social coletiva [...] (MARQUES, 2006, p. 115).

Nesse intuito, o presente estudo tem por finalidade analisar as produções textuais dos educandos da Educação de Jovens e Adultos matriculados nas totalidades 1 e 2, que correspondem à alfabetização, em uma escola pública estadual localizada na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, identificando as representações de sujeito constantes nos materiais coletados visando ressignificar o processo ensino e aprendizagem desta modalidade de ensino.

As produções textuais que servirão de base para este estudo, foram coletadas durante o primeiro semestre do ano de 2007, momento em que as educadoras solicitaram a elaboração de textos partindo de temáticas diversas. Optou-se pela escolha de duas temáticas, a primeira em que os educandos deveriam representar o que era felicidade por meio de textos poéticos e a outra evidenciando um relato de sua vida por meio de texto narrativo.

Nas transcrições apresentadas foram mantidos os erros de gramática e ortografia sendo fiel à disposição gráfica adotada pelos autores. Salienta-se que as produções não sofreram correções por parte dos educadores nem reescrita por parte dos educandos. Os textos poéticos configuram-se como mais curtos com a constante repetição de palavras enquanto que os textos narrativos são mais extensos e espontâneos.

A pesquisa bibliográfica buscou evidenciar as conceituações de sujeito, representação e produção textual em autores como Freire, Foucault, Savater, Tedesco, Cardoso, Woodward e Bakhtin, os quais vincam fortemente a capacidade da escola de fortalecer o sujeito enquanto ser social capaz de intervir no contexto histórico e social vigente. Savater (2005, p. 34) coloca muito bem que “o que é próprio do homem não é tanto o mero aprender, mas o aprender com outros homens, o ser ensinado por eles”.

O texto: *locus* de sentidos

A produção textual para Sant’Anna (2004) é compreendida como sendo as

produções escritas que surgem a partir do diálogo entre os sujeitos atores. Existe a tentativa, por meio da produção textual, de romper com a idéia das antigas composições escolares em que os educandos retratavam as tarefas emanadas pelos educadores. “A produção textual, ao nosso ver, é trabalho e, como tal, precisa nascer do grupo: seus desejos, interesses e necessidades e ter como objetivo central a escritura, a criação, a produção e a reescritura dos textos em si” (SANT’ANNA, 2004, p. 27)

O texto, seja ele oral ou escrito, contém em seu bojo a essência do sujeito/autor enquanto representativo de seu imaginário. Nesse sentido, a produção textual poderá proporcionar uma maior interação entre os sujeitos do processo ensino e aprendizagem possibilitando a expressão da subjetividade por meio da escrita. Assim, esta pesquisa se deteve em identificar as relações presentes em cada produção textual relacionando a temática solicitada pelo professor com a representação feita pelo educando do seu cotidiano evidenciando as noções de pertencimento ao seu universo.

Focalizar a linguagem a partir do processo interlocutivo e com este olhar pensar o processo educacional exige instaurá-lo sobre a singularidade dos sujeitos em contínua constituição e sobre a precariedade da própria temporalidade, que o específico do momento implica. [...] Focalizar a interação verbal como o lugar da produção da linguagem e dos sujeitos que, neste processo, se constituem pela linguagem [...] (GERALDI, 2000, p. 5-6).

A EJA, nas totalidades concernentes à alfabetização, tem como um dos seus pontos fundantes a utilização da língua escrita por meio de seus códigos como um impulso para a condição crítica de sujeito no mundo. Para Savater (2005, p. 36) “a verdadeira educação consiste não só em ensinar a pensar como também em aprender a pensar sobre o que se pensa, e esse momento de reflexão [...] exige que se constate nossa pertença a uma comunidade de criaturas pensantes”. Essa constatação de pertencimento permite ao sujeito intervir no seu cotidiano vislumbrando uma alteração da condição estática de ser. Identificar a sutil diferença entre o processamento da informação e a compreensão dos significados, de acordo com Savater (2005), é a ferramenta essencial para que ocorra o processo educativo. Neste processo, a escrita e a oralidade assumem papel essencial munindo os sujeitos com a capacidade invariante de transpor espaços e tempos, eternizando a sua cultura por meio das suas narrativas.

Cardoso (2001) coloca que a capacidade de narração é um aspecto imanente tanto do homem civilizado como do primitivo. Muitas histórias foram inventadas pelos indígenas em sua leitura dos fenômenos naturais. Todos os indivíduos estão

freqüentemente relatando fatos ou contando histórias de que participam, a que assistem ou de que ouvem falar; são fatos que se sucedem uns aos outros no tempo, guardando relações entre si.

Pressupõe-se que o ato de escrever seja uma busca, uma investigação do mundo ou de si mesmo e essa busca deve proporcionar desejo e prazer, onde o segundo é o próprio escrever e as narrativas que relatam as atividades que são executadas desde criança, como brincar, jogar, fantasiar, não só podem como devem ser resgatadas permitindo ao sujeito/autor constituir-se a partir de suas vivências sociais. Nessa condição de autor de sua própria história, o código escrito emana como o ponto principal para que o ator social possa refletir os seus anseios e desejos.

O homem se constitui pela ação da palavra, pela reflexão, pelo debate livre e democrático, mas também pela palavra da ação, isto é, por sua atuação efetiva no e através de seu mundo. Palavra e ação se reclamam em reciprocidade e se efetivam uma na outra. Não se podem, porém, confundir, nem uma delas substituir-se à outra, exigentes ambas de seus espaços e tempos próprios e apropriados. Estabelece-se, assim, um intervalo espaço-temporal entre o dizer/dialogar, o querer/decidir, e o fazer/executar (MARQUES, 2006, p. 69).

Assim, a possibilidade de refletir sobre as inúmeras variantes que o código lingüístico oferece ao ator social para expressar o conhecimento de si, de suas emoções, da própria realidade, seu posicionamento ideológico e sua visão de mundo, incluindo a projeção de seu imaginário por meio de uma linguagem expressiva, marcada de intencionalidades que reflete no leitor sendo positiva ou negativamente. A primeira possibilidade permite ao leitor sentir sensações que o impelem a realizar seus desejos enquanto a segunda coíbe a sua pretensão de mudança.

[...] não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (BAKHTIN, 1988, p. 95).

Trabalhar com a produção textual em sala de aula, principalmente, com a Educação de Jovens e Adultos, traz à tona, diversos sentimentos, sonhos, medos, angústias, frustrações, que sendo analisadas servirão como ponto de partida para que ocorra a verdadeira educação emancipatória proposta por Freire (2004) onde a criticidade esteja presente. “A leitura verdadeira me compromete de imediato com o

texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito” (FREIRE, 2004, p. 27).

O posicionamento enquanto sujeito é produzido a partir dos significados que o sistema simbólico e as práticas de significação representam para o autor. A representação do seu cotidiano adquire sentido quando as experiências podem ser retidas no tempo por meio da escrita. “Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar” (WOODWARD, 2000, p. 17).

A escrita: breves relatos do cotidiano

Os conjuntos de significados construídos pelos discursos envolvem a subjetividade do sujeito que, como tal assume uma posição que o identifica e constitui a sua identidade. Para Woodward (2000, p. 55) “a subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado a experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade”. É possível afirmar que a subjetividade é a relação consigo, estabelecida através de diversos procedimentos que visam fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função dos objetivos que se propõem.

Tomando como tema a pergunta “O que te faz feliz?”, os educandos da totalidade 1 construíram os seus textos utilizando a estrutura poética por solicitação da educadora responsável pela turma.

Texto 1

O que me feliz?

Ver o dia nascer.
Ouvir os pássaros.
Brincar com meus sobrinhos.
Ajudar a minha mãe.
Ver a mata verde.
Ir encontrar meus irmão.
Assistir futebol.
Tomar banho de cachoeira
Dançar a noite toda
Cuidar do jardim
Ali mentar os animais

Ver a minha família toda reunida
(E1)³

Texto 2

O que me faz feliz?

A lua, as pessoas o rio;

Arroz com feijão, beterraba, salada de alface,

Dormir na rede;
o sorriso da minha filha, me faz feliz

um lapis uma letra uma conversa fora

Sentir vento, es que çer o tempo,
O meu trabalho, chegar em casa e ver minha família; (E2)

Texto 3

O que me faz feliz?

Muintaz vezes o sorriso de quem amo.
Um abraço carinhoso e bem apertado,
Estar feliz comigo mesma.
Amar e ser amada;
Ver meus filhos bem, brincando alegre e felizes.
O que me faz feliz?
Poder assistir um filme e rir atoa.
Fazer um cafuné na pessoa que ama
O que me faz feliz?
Um sorriso sincero e amigo,
Um sonho, uma lembrança.
O que me faz feliz?
O sol o mar um belo lugar.
E muitas vezes chorar
O que me faz feliz?
Dormir tarde e acordar tarde e ser feliz.
Ver a vida de modo diferente.
Viver sorrindo alegre e contente.
A gora diz
O que faz você feliz? (E3)

Adotando um tema subjetivo, a educadora na sua intencionalidade, passa a conhecer o/a educando/educanda a partir de suas marcas textuais, analisando o que significa ser feliz para ele/ela.

Percebe-se que a rotina do cotidiano representa as significações mais marcantes

³ E1 – Representação escolhida para se referir aos educandos pesquisados sendo constituída da letra E, inicial de educando, seguida do número que o/a identifica.

na memória, onde o/a educando/a busca nas experiências com os familiares dimensionar a sua representação enquanto sujeito social.

Os textos poéticos enunciados apresentam várias semelhanças, dentre as quais todos eles dão importância necessária para o convívio familiar. Configura-se no texto 1 que a felicidade para este/esta educando/educanda está atrelada a questões afetivas que fazem parte da sua vida.

Na produção do texto 2, torna-se evidente a condição do/da autor/autora de ser feliz estando ligado à natureza e às pessoas que ama. Assim, relata o descanso, a alimentação e as relações de amizade onde busca esquecer o tempo, tornando-os únicos e fundamentais, pois, a volta para casa e rever a família retrata a importância dos relacionamentos familiares para a constituição da sua felicidade. A escola é simbolicamente retratada no lápis e em uma única letra, forte marca da condição de alfabetizando que está descobrindo aos poucos as palavras. Na sua condição de pai ou mãe, reforça a felicidade por ver a alegria de sua filha, assim entendendo que o ser humano depende da felicidade dos que ama para então se sentir completamente feliz.

Constata-se que E1 mora com a mãe num local que proporciona o contato com a natureza e os animais. Provavelmente é o único dos filhos que mora com a mãe já que enuncia a ideia de encontrar com os irmãos. Não faz referências a filhos, somente aos sobrinhos o que pressupõe que seja solteiro/solteira. Denota forte inclinação para a cooperação uma vez que a sua felicidade está direcionada para o auxílio aos outros e à realização de tarefas do seu cotidiano.

No que tange aos gêneros dos/das autores/autoras foi possível a identificação somente no texto 3, momento em que fica denotadamente visível que foi uma mulher que escreveu o texto.

A característica essencial de um texto poético é a subjetividade do escritor, o autor é capaz de expressar os seus sentimentos de forma espontânea, sem prejudicar o texto. Trabalhar em sala de aula o texto poético é uma maneira de fazer com que os educandos expressem seus anseios, suas necessidades, seus sonhos, o texto poético auxilia o/a educador/a a conhecer o “mundo” do/da educando/educanda.

Quanto à estrutura, os/as autores/autoras tiveram a preocupação de organizar os poemas em versos e estrofes. O E2 em relação ao E1 consegue visualizar um macrouniverso, fazendo outras relações com as situações do cotidiano.

No texto 1, o/a educando/educanda utiliza o banho de cachoeira como uma possível marca para definir o texto como sendo poético, uma vez que não existem

cachoeiras no município onde a escola está localizada. Esta inferência poética reafirma o quanto a produção textual está carregada não só de elementos que são vivenciados pelo/pela autor/autora, mas de possíveis significações que estão guardadas em sua memória ou que poderão vir a fazer parte de seu cotidiano.

Assim como no texto produzido por E1, E2 finaliza com a recompensa de chegar em casa após um dia de trabalho e reencontrar sua família, denotando forte vínculo familiar.

Na totalidade 2, a educadora solicitou que os/as estudantes, utilizando o texto narrativo em prosa, narrassem a sua história de vida evidenciando fatos marcantes em seu cotidiano. O texto narrativo é uma excelente ferramenta, também, em sala de aula para que o educador consiga (re)conhecer os seus educandos.

Texto 4

Nome E4, data de nascimento: 25-05-1981

Nasci em A no interior. Comecei o trabalho com sete anos de idade na roça. não tive oportunidades de estudar por que tinha que ajudar minha família daí em diante só tive tempo para o trabalho na lavoura, mais fui muito feliz e Deus sempre esteve comigo é minha família

Depois de um tempo vim para a cidade, mas ainda não deixei a lavoura hoje eu tenho mais tempo para os estudos e resolvi começar a estudar no escola B, no escola encontrei varios amigos e minho vido está melhos (melhor

Hoje pretendo arranjar emprego melhos e melhorar minha vida

Tenho muitos amigos sou muito mais feliz e nunca deixei de acreditar em que eu posso e tenho Deus ao meu lado sempre (E4)

Texto 5

Sobre a minha vida

Eu nasci em C dia 16 de dezembro de 1983 A minha mãe morava com meus avós Eles moravam na campanha a minha mãe veio embora para C, eu fiquei com meus avós não tinha escola perto eu não podia estudar daí aos 13 anos fiquei grávida meus avós vieram para C ai minha vó ficou doemte e u tive que cuidar dela veio falecer e, logo, depois meu bebê nasceu passou 10 anos, daí fui na escola B lá conheci a professora D foi quem me ensinou as primeiras palavra agora sei ler e escrever, eu adoro brincar com meu filho na pracinha, a minha vida teve altos e baixos se eu fosse escolher entre altos e baixos ficaria como eu estou agora por que sou feliz, eu tenho 25 anos sou solteira (E5).

Os debates constantes sobre a Educação de Jovens e Adultos visam dessacralizar os saberes ditos acadêmicos, como afirma Moll (2004), ressignificando-os à luz dos saberes da vida cotidiana. Saberes que mesmo estando à margem dos formais,

instrumentaliza os sujeitos a enfrentar as adversidades e os capacita a produzir cultura.

Há algo de mais profundo nessa percepção e valorização dos saberes e da cultura popular. Trata-se de incorporar uma das matrizes mais perenes da formação humana, da construção e apreensão da cultura e dos conhecimentos; reconhecer a pluralidade de tempos, espaços e relações, onde nos constituímos humanos, sociais, cognitivos, culturais [...] reconhecer a cultura como matriz da educação (ARROYO, 2001, p. 17).

O trabalho, a família e a distância dos espaços formais são algumas das características que impossibilitaram e impossibilitam ainda hoje, os sujeitos de serem alfabetizados. As narrações elaboradas por E4 e E5 demonstram claramente estas características. Constata-se que E4 não teve oportunidade de estudar na idade adequada devido à necessidade de realizar atividades remuneradas para auxiliar na manutenção de sua família e que E5 morou por 13 anos distante da escola, espaço que ainda é muito creditado para a produção do conhecimento, mas entenda-se aqui que não é o único, todavia seria impossível pensar a educação de jovens e adultos enquanto educação popular como se refere Paludo (2001).

A busca constante pelo conhecimento se retrata na relevância do espaço escolar, pois a possibilidade de estudar e se relacionar com pessoas é evidenciada de forma marcante em E4, que coloca a importância da conquista de novos amigos para sua felicidade. Para Freire (2004) a consciência de si como ser inacabado inscreve o sujeito num permanente movimento de busca, onde homens e mulheres estão com o mundo e com os outros, onde há a impossibilidade de se estar no mundo sem fazer história.

A esperança é colocada na figura de Deus para continuar acreditando que pode encontrar sua realização pessoal e as letras são sua ferramenta, pois a alfabetização é vista como fundamental para a busca por um emprego melhor. Em E5 pode-se evidenciar a marca da professora que ensina as primeiras letras e consegue ressignificar a vida dos educandos que passaram por dificuldades impostas pela vida. Marques (2006, p. 125) coloca que “é a paixão pelo homem que faz o educador. Apesar das desigualdades e angústias, o autêntico professor acredita no homem que está no aluno e busca conferir-lhe o imenso privilégio de acreditar em si”.

Quando a autora apresenta o nome da educadora, faz isso com o sentido de demonstrar o quanto ela é importante para sua vida. Em sua narrativa é saliente a importância do ler e escrever para tornar o ser humano um cidadão conhecedor de seus direitos, mesmo que seja para se sentir mais feliz.

Texto 6

A história de Minha Vida!

Meu nome é E6 tenho 34 anos meus pais são E e F tenho 18 irmãos

Nasci na cidade de C no dia 4 de Abril de 1973.

Me casei no ano de 2000 com G,

Depois de um ano tive meu primeiro filho H, depois de 3 anos tivemos nossa 2ª filha I.

Logo após ela completou seus 3 anos Tomei a decisão de Voltar a estudar, Estudo na escola B, Pela parte da noite no eja.

Levo uma vida simples com minha família, mas muito feliz, este é um resumo da minha vida. (E6)

Texto 7

A historia de minha vida

Meu nome é E7 tenho 21 anos meus pais são J e K tenho 3 irmãos.

Nasci na cidade de L no dia 5 de maio de 1986

E vim embora para C em 1998 logo após dois anos me casei com E6, depois de um ano tive meu primeiro filho H, depois de 3 anos tivemos nossa 2ª filha.

Logo após ela completar seus 3 anos tomei a decisão de voltar a estudar estudo na escola B, pela parte da noite no eja.

Levo uma vida simples com minha família, mas muito feliz, este é um resumo da minha vida. (E7)

Os textos produzidos por E6 e E7 demonstram as formações de grupos sociais que se denotam entre iguais e compõem a formação das famílias com grau de instrução escolar semelhante, uma vez que ambos são casados e retrataram em suas produções fatos que viveram juntos, como se as suas vidas tivessem começado a partir do momento em que um conheceu o outro, no resumo de suas vidas a infância não é retratada.

Para Marques (2006) a família afirma-se mais exigente e insubstituível como lugar de aprendizagem sendo reveladora primeiro do ser outro, do ser pessoa, alguém com significado único para alguém.

Uma constatação implícita em ambos os textos, 6 e 7, refere-se ao retorno ao espaço escolar, o qual pressupõe-se que tenha ocorrido pela necessidade de acompanhar o filho mais velho do casal, agora com 7 anos de idade. É comum no sujeito ainda não alfabetizado que, após um contato com a escola, desperte novamente um interesse pelo estudo, vindo a constituir-se como educando da Educação de Jovens e Adultos.

Considerações Finais

A produção de textos e a leitura não podem ser consideradas como estanques. Ao ser realizada uma produção textual um leitor é produzido também. Escrever, criar, imaginar fazer das letras a possibilidade de expressão coloca o homem como sendo o autor de sua própria história. Através da leitura e da escrita, o mundo se torna mais evidente e as suas transformações pertencentes a cada um dos homens que a compõem. Para tanto, oferecer oportunidades básicas para que homens e mulheres sintam-se também responsáveis pelas mudanças globais que lhes é apresentado através da escrita torna-se imperativo.

Apresentadas como *focus* deste estudo, as produções textuais refletem não só os desejos, anseios e dissabores dos sujeitos que estudam na EJA, mas também a relação que eles constituem com a família, o trabalho e a escola, possibilitando ao leitor compreendê-lo em sua plenitude constitutiva de ator social. Nesta relação entre escritor e leitor é que o texto se corporifica e assume um significado, assim como afirma Orlandi (1996, p. 9) que

[...] é nesse momento que os interlocutores se identificam como interlocutores, e, ao fazê-lo, desencadeiam o processo de significação do texto. Por isso, não é só quem escreve que significa, quem lê também o faz, abstratamente, sob condições específicas, por serem sócio-históricas. Quando lemos estamos participando desse processo de produção de sentidos e o fazemos de um lugar social e com uma direção histórica determinada.

A produção textual é um condicionante que, sendo ofertado ao educando, desencadeia nele a possibilidade de viajar para dentro de si mesmo e, com o auxílio do lápis e do papel, vislumbrar a transposição dos espaços antes desconhecidos através da condição de escritor de sua própria história.

Situar histórica e socialmente as produções dos alfabetizandos permitiu compreendê-los de um modo muito especial: como sujeitos sociais e únicos autores da história de suas vidas.

Referências

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In: ALFABETIZAÇÃO e Cidadania. Práticas Educativas e a Construção do Currículo. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, Universidade Federal de Minas Gerais, n. 11, abril de 2001, p. 9-20.

_____. **Imagens quebradas**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BRASIL. Lei nº 9394/96. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: *Diário Oficial da União*, Brasília, 1996.

CARDOSO, João Batista. Teoria e Prática de Leitura, Apreensão e Produção de Texto. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

DECLARAÇÃO de Hamburgo sobre Educação de Adultos. Hamburgo: UNESCO, 1997.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **A ordem do discurso**. Traduzido por Laura Sampaio. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: 2004.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin**. Psicologia e educação: um intertexto. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **Postos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MARQUES, Mário Osório. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

MOLL, Jaqueline (org.). **Educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora da Silva. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

PALUDO, Conceição. **Educação popular em busca de alternativas: uma leitura**

desde o campo democrático popular. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. 2. ed. Traduzido por Helena Faria. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

SANT'ANNA, Sita Mara Lopes. O programa de ensino fundamental de jovens e adultos trabalhadores e as múltiplas linguagens. In: MOLL, Jaqueline (org.). **Educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004, p. 19-30.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. Traduzido por Mônica Stahel. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

TEDESCO, Juan Carlos. **O novo pacto educativo**. São Paulo: Ática, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.